



Ensino do jornalismo nos cerrados centrais, a ancestralidade simbólica

Nilton José dos Reis Rocha¹

1. Uma introdução, pouco solene

Três questões incomodam, bastante, ao pensar na construção deste texto, para encontro de professoras e professores de jornalismo, nos cerrados centrais e num contexto das globalizações material e de biológica, que levaram à covid e ao agronegócio das monoculturas, que envenenam. E conta com bem pagas multinacionais do veneno simbólico (TALGA & ROCHA,2011) nas disputas que mutilam o mundo.

Primeiro, a aparente incompletude da comunidade acadêmica, onde professoras e professores se encaixam e teriam maior responsabilidade, ao compreender e pensar as duas pandemias dos últimos anos: a covid, com suas consequências; o governo de direita e as extensões na sociedade, mutilando até certo ponto mesmo a decantada democracia universitária, nas suas diversas instâncias e dimensões.

Segundo, o desmonte, quase completo, com o ensino remoto- que (nos) surpreendeu – das políticas de curso existentes, notadamente, a laboratorial e suas possibilidade de práticas aprendizes no jornalismo, bem como os fios existentes do que se define como extensão, enquanto esfera de diálogo e construção com o ensino e a pesquisa, de qualidade e com vínculos sociais.

Terceiro, a lerdzeza ou total desconexão com os grupos sociais e povos durante estas pandemias e, de modo especial, reveladas na quase total rendição às tarefas das

¹ . Professor de Jornalismo (UFG), co-coordenador dos Laboratórios Integrados em Jornalismo Compartilhado *Magnifica Mundi*, co-coordenador do Projeto *Médio Araguaia – terra, território e agroecologia e Tanto Cerrado e Tanto Mar – cinema e tv comunitária (Brasil-Cuba)* dos projetos *Terra Encantada-gente miúda, direitos integrais, Cine Sereno- as estrelas de nosso caminhar, Ciclo Internacional de Direitos Humanos – do isolamento à insurgência; doutor em sociologia*, pelo Centro de Estudos Sociais, Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra, e diplomado pelo Instituto de Periodismo José Martí/Havana



aulas remotas, também espaço de vaidades até agora contidas, sem capacidade de intervenção simbólica que contribuísse numa ampla mobilização pedagógica social face aos dois vírus, no embate/combate à ideologia da mentira,

Os mundos em que se vive, se relaciona, (se) cria. Seres enquanto criadoras/es e criaturas. Das derrotas e das pequenas, mas perturbadoras vitórias da teimosia, da resistência e da capacidade de entender que o dia-a-dia, esse danado cotidiano, é que fornece esse poder corrosivo que as elites e suas burguesias locais (PINÇON-CARLONT & PINÇON, 2013, 2007,2000i)- e seus veículos de comunicação – temem .

Da insubmissão, essa característica determinante dos povos cerradeiros, *mullier/homo cerratensis* (ROCHA, 2020; BARBOSA,2002), mãe de todas inquietações, antecipadora de toda revolta, de toda felicidade e liberdade que se buscam e vivenciam. Nada ver com as narrativas, em voga, sobre a real capacidade do agro em produzir riquezas e, ao mesmo tempo, mutilar a humanidade.

Contexto, onde o mundo do trabalho e, também, do esforço escravizado em pleno século XXI, que escapa, talvez intencionalmente, aos conteúdos das disciplinas e das demais práticas nas escolas de jornalismo do presente. Na UFG, apenas uma professora (que é reitora) e um professor (que é o decano) estão filiados ao Sindicato dos Jornalistas Profissionais. Uma e um docente, além, se aposentaram recentemente.

Como se o mundo do trabalho, da gente pobre, preta e parta, originária e cigana, das *perifas* ou das quebradas, urbanas e rurais, não tivessem sentido além das funções subalternas, que o próprio conceito se esforça em enquadrar esta gente, como se fossem castas inferiores, eternamente inferiores. Uma teoria que não a reconhece como seres capazes do pensar, que não acolhe e nem permite que se sinta conteúdo/parte dela.

Um racismo, marcante, nessas práticas e conceitos. Um assustador racismo cognitivo abraçando e dominando os corredores, as práticas, os conceitos que determinam os cursos de jornalismo. Uma epistemologia da violência e da mentira, embutida na *sojificação* das sociedades (ROCHA, op.cit) que tem gerado uma sofisticada e abundante agrocognição - legitimada e violenta - também na universidade



2. A rádio universitária como símbolo(s) – um triste estudo de caso

Aquela figura pálida e esquelética tinha uma gentileza no trato público e um equilíbrio incompreensivo sobre tanta magreza. Era vice-presidente *indicado* da república e ministro, também, *indicado*, da educação. Estudantes de jornalismo e radialismo, professoras/es, a reitora (também *indicada*) e um deputado federal, governista e do lobby da construção enchiam a sala do mec.

De pé, ao ouvir o pedido/exigência dos estudantes, como hábil político que era, respondeu de pronto:” *por ser um laboratório efetivo dos cursos, não permitirei que a rádio universitária vá para esfera da radiobrás*”, como era o capricho do então, muito poderoso, ministro das comunicações, Antônio Carlos Magalhães, lá da Bahia, como todo mundo sabe.

Agora, a mesma rádio, parceira importante dos movimentos e grupos sociais – e de suas lutas simbólicas - por décadas, se arma para se transformar em FM. O primeiro passo, pelo que parece embora, desmentida repetidas vezes, é excluir uma longa e história participação da produção laboratorial de estudantes de jornalismo na sua programação, iniciada em 1979.

As ausências do debate público (e mesmo com o curso de Jornalismo, estudantes e professoras/es, que, também, deveria ser um bem coletivo e público) e de informações seguras sobre o processo assustam, pelo caráter autoritário, para quem participou deste processo todo ou quem, chegando à universidade, gostaria de estar nele. Servidores e professores , também, gostariam de derrubar o estúdio de rádio da própria escola.

Se o ministro e vice, bem magro e mal *indicado*, se recusou, em épocas de ditadura militar, em que a rádio recebia contínuas multas e broncas do Dentel, pelo trabalho sobretudo das/os estudantes, mutilar a rádio e confiscar eficiente laboratório do curso de jornalismo, ainda que tenham havido alguns descuidos e contradições no longo processo, sintetiza, com precisão, as inquietações iniciais.



O *Mesa da Bar*, coordenado e apresentado por Antenor José, com apoio de outras/os colegas, pela criatividade e pela mobilização social naquela época, foi, quase sempre, um dos mais visados. Até que, numa manobra em nome de uma *oportuna* reforma física, a emissora foi para junto da torre e foi tocada, com músicas, pela assessoria de comunicação da reitoria. Aí, Antenor formou-se.

Mas hoje, nova e *oportuna* reforma física pode afastar o curso de jornalismo, do processo, cheio de promessas contraditórias, é importante informar: o diretor da faculdade tem formação em jornalismo; o secretário de comunicação é professor no curso (a quem a rádio passou a ser vinculada) e a reitora, além de cria da rádio, é sindicalista, ex-diretora da faculdade e professora em jornalismo.

2. Mas o que tudo isto tem a ver com projeto de curso de jornalismo?

Tudo. O PPC, na ufg, caducou-se ao ter formação na perspectiva empresarial que, acostumada ao monopólio, não foi capaz de pensar e fazer a disputa, com mulheres e homens simples (MARTINS,2000), que, na apropriação e uso de tecnologias de comunicação, trouxeram *outras* informações, *outros* bens culturais e conhecimentos para o cotidiano das pessoas, das comunidades, dos povos.

Há uma fragilidade (des) contemporânea, aliada à perspectiva como se teoria e história no jornalismo nada tivessem a ver com as sociedades em que estão implicadas e, de onde, se alimentariam nas contradições e desafios. De jornalistas a serviço dos coronéis (CARONE *apud* SILVA,1982) às/aos intelectuais homologadas/os (ALAVINA, 2017) dos os meios de comunicação, uma narrativa elitista contínua.

Ou seja, como sugere Cáceres, “fazemos *jornalismo do século 19 com tecnologia do século 221*” (. Ou seja, a escola deixa de ser campo de aprendizados e atualização das práticas pré-existentes e de experimentos das que virão, deixando a sensação de que o jornalismo *bunda na cadeira (journalisme assis)* (HALIMI *apud* ROCHA & FREIRE, 2011; ROCHA, 2020).



As entrevistas, nas diversas práticas das disciplinas, com raras exceção, estão se transformando em meros questionários, sempre enviados com antecedência, para que as/os entrevistadas/os digam o que bem entendem, sem o questionamento - sagaz, atrevido e necessário – que toda/o jornalismo deveria saber fazer. E aprender, fazendo, nas práticas e publicações laboratoriais.

A Escola é o campo de aprendizados de teorias, que ajudem a compreender, para daí, explicar (BOURDIEU, 1998) a realidade ou as realidades em que se vive. E, de *posse* delas, dialogar, critica e criativamente, com as práticas laboratoriais e/ou profissionais. Jornalsitas são contadoras/es de história, narradoras/es da vida e do mundo. Aqui, gente dos cerrados enquanto mãe natureza e o grande ancestral.

3. Uma conclusão, pouco habitual

“Na primeira noite eles se aproximam
e roubam uma flor
do nosso jardim.
E não dizemos nada.
Na segunda noite, já não se escondem:
pisam as flores,
matam nosso cão,
e não dizemos nada.
Até que um dia,
o mais frágil deles
entra sozinho em nossa casa,
rouba-nos a luz e,
conhecendo nosso medo,
arranca-nos a voz da garganta “
(COSTA, 2003)



Referências

- ALAVINA,, F. Os “intelectuais homologados”. In *Portal Vermelho*. 2017, março 24)
Recuperado de <https://vermelho.org.br/2017/03/24/os-intelectuais-homologados>.
- BARBOSA, A. S.. **Andarilhos da Claridade – os primeiros habitantes do Cerrado**. Goiânia: UCG. 2002
- BOURDIEU, P.. **La misère du monde** (1a ed.). Paris: Editions du Seuil. 1993
- COSTA, E.A. No Caminho, com Maiakóvski. In *Folha de São Paulo*, 2003, setembro 20;
- MARTINS, J. S. . **A sociabilidade do homem simples**. São Paulo: Hucitec. 2000
- PINÇON-CHARLOT M., & PINÇON, M. **Sociologie de la bourgeoisie**. Paris: La Découverte, Repères. 2000
- PINÇON-CHARLOT M., & PINÇON, M. **Comment la bourgeoisie défend ses espaces**. Paris: Le Seuil.2007
- PINÇON-CHARLOT M., & PINÇON, M. **La violence des riches**. Chronique d’une immense classe sociale. Paris: Zones/La Découvert.2013
- ROCHA, N.J.R. A cidade das Palavras (Insubmissas). Comunicação Popular e Globalização Compartilhada. Tese doutoral. Centro de Estudos Sociais, Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra. 2020.
- ROCHA, N. J. R. & FREIRE, P. I. . As batalhas simbólicas, das praças e da guerra no ciberespaço: a hora e a vez da comunicação compartilhada. In J. F. Maia (Ed.). **Gêneros e Formatos em Jornalismo** (pp. 162-180). Goiânia: Editora PUC. 2011
- SILVA, A. L. **A revolução de 30 em Goiás**. Doutorado, Universidade de S. Paulo, S. Paulo.1982
- TALGA, D.O. & ROCHA, N. J. R. Mídia e Agrotóxicos no Agronegócio do Capital, Envenenamento Humano e Simbólico do Planeta. *Razón y Palabra*, vol. 20, núm. 94, septiembre-diciembre, pp. 770-790 Universidad de los Hemisferios Quito, Ecuador. 2016